

Moda e Estudos de Gênero: Dois campos complexos *

Moda y Estudios de Género: Dos campos complejos

Fashion and Gender Studies: Two complex fields

Autora: Laura Zambrini¹ PhD; Universidade de Buenos Aires;
Laura.zambrini@gmail.com

Resumo

Os estudos de gênero discutem os modos de construção do conhecimento de diversas disciplinas. No entanto, esta perspectiva está pouco presente ao ensino e nos discursos que legitimam o design. Estudar a moda desde uma perspectiva de gênero permite entender a relação histórica entre os discursos da modernidade industrial, a história da vestimenta e a produção social das sexualidades e os gêneros em termos binários.

Aqui, se procura estabelecer uma leitura crítica do campo do design e a moda desde o ponto de vista cultural. Analisam-se como as projeções de gênero impactam no processo de design, no uso e a leitura dos objetos.

Palavras Chave: Gênero- Moda- Cultura- Design

Resumen

Los estudios de género discuten los modos de construcción del conocimiento de diversas disciplinas. Sin embargo, esta perspectiva ha estado poco presente en la enseñanza y en los discursos de legitimación del diseño. Estudiar la moda desde una perspectiva de género permite entender la relación histórica entre los discursos de la modernidad industrial, la historia de la vestimenta y la producción social de las sexualidades y los géneros en términos binarios. Aquí se busca establecer una lectura crítica del campo del diseño y la moda desde el punto de vista cultural. Se analiza cómo las proyecciones de género impactan en el proceso de diseño, en el uso y la lectura de los objetos.

Palabras Claves: Género- Moda- Cultura- Diseño

¹ Doutora em Ciências Sociais e Socióloga pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Pesquisadora CONICET. Profa. "Sociologia do Vestir" na FADU-UBA. Coordenadora do Grupo de Estudos Sociológicos sobre Moda e Desenho (GESMODI) na FADU-UBA. Publicou em revistas científicas e de divulgação.

* Agradeço muito especialmente ao Prof. Carlos Augusto Martins por toda sua ajuda com o português.

Abstract

Gender studies discussed ways of building knowledge from various disciplines. However, this perspective has been little present in teaching and in the speeches of design. Study fashion from a gender perspective helps to understand the historical relationship between the speeches of industrial modernity, the history of dress and social production of sexualities and genders in binary terms. Here we seek to establish a critical reading of the field of design and fashion from the cultural point of view. It analyzes how gender impacts the design process, the use and reading of objects.

Key Words: Gender- Fashion- Culture- Design

Introdução

Há vários anos eu dou aulas de "Sociologia do Vestir" na Universidade de Buenos Aires. Nesta viagem através das aulas, todos os anos a mesma situação se repete: dezenas de mulheres no curso e apenas três, quatro ou cinco homens dispostos a estudar moda e design. Cada ano eu me pergunto a causa desta disparidade e porque se existem tantas designers, no entanto, geralmente os designers alcançam um maior reconhecimento. Ou seja, esta situação me convida a refletir sobre a questão de gênero e como muito precoce na carreira universitária expressarem-se hierarquias no âmbito do design e da moda.

Os estudos de gênero debatem as formas de construção do conhecimento em diversas disciplinas. No entanto, historicamente esta perspectiva tem sido pouco presente no ensino e em os discursos de legitimação do design e da moda.

A integração de um olhar que enfatiza a perspectiva de gênero em uma disciplina nos permite estabelecer as ferramentas apropriadas para compreender, criticamente, por um lado, a formação sócio-cultural dos estereótipos de gênero; e em segundo lugar, as hierarquias históricas entre homens e mulheres, entendidas como hierarquias de poder, que posicionaram de forma desfavorável ao feminino no sentido amplo.

Com estas premissas, o objetivo geral do presente trabalho é propor uma reflexão teórica com o fim de discutir a moda e o design desde uma perspectiva de gênero.

Por um lado, essa perspectiva pode desestabilizar as certezas culturais que jogaram contra as mulheres em termos simbólicos e materiais (Lamas, 1995, pp. 340); e pelo outro lado, ajuda a desnaturar o sexismo que acontece nos campos acadêmicos e profissionais do design, que têm colocado a produção de objetos como neutros, ou seja, despojados de todo relacionamento histórico e social.

Definir o projeto de design como um modo de produção cultural, supõe que ao projetar uma peça de vestuário, tacitamente, também se está projetando o gênero. Nesse sentido, a moda pode ser uma excelente área de reflexão acadêmica sobre o complexo processo de construção social das identidades de gênero (Zambrini, 2010, pp. 142). No primeiro lugar, a moda nos convida a perguntar sobre os usos sociais da roupa de acordo com cada momento histórico; e em segundo lugar, a moda também permite refletir sobre os significados do vestir do ponto de vista cultural. J. Entwistle caracteriza a relação “corpo e vestir” como “práticas corporais contextualizadas” porque, segundo a autora, se falamos de roupas, implicitamente falamos sobre corpos vestidos que estão no contexto sociocultural (Entwistle, 2002, pp. 24). No entanto, estes contextos não são neutros, eles estão cruzados por múltiplas variáveis sociais. Seguindo essa linha, podemos dizer que o vestido outorga significados culturais no corpo que referem à classe social e estética, mas também aos gêneros.

O gênero da moda

Do ponto de vista sociológico, as “práticas de vestir” podem ser entendidas como “práticas culturais”. Portanto, o design e a moda envolvem comunicar certo olhar sobre o mundo. No entanto, este olhar não é neutro nem abstrato porque qualquer objeto projetado é inserido no contexto social cheio de valores e história. As roupas têm cargas simbólicas e representações de gênero construídas historicamente, e se referem a um conjunto de crenças sobre o

feminino e o masculino. Como a maioria dos campos sociais, o campo da moda tem uma herança histórica e cultural que superestima o masculino em detrimento do feminino.

A título de ilustração, tarefas tais como costurar, tecido e bordado, entre outros, são atividades que historicamente têm sido ligadas ao universo feminino e às mulheres. Com efeito, estas práticas foram consideradas atributos morais necessários de qualquer boa esposa, mãe e dona de casa por um longo tempo. Na origem da sociedade industrial o trabalho das mulheres, como costureiras na indústria têxtil, foi inúmeras vezes invisíveis sob a figura dos estilistas, designers e alfaiates. Eles carregavam o prestígio simbólico e material.

No século XIX e início do século XX nas fábricas têxteis as costureiras trabalhavam muitas horas sem reconhecimento e pagamento adequado. A redistribuição de renda, o capital e as condições do trabalho faziam referência a ordem do público, portanto, deixavam fora as mulheres que eram confinadas ao mundo doméstico.

Um das primeiras reivindicações feministas lutavam contra essa configuração injusta do Patriarcado e, ao mesmo tempo, denunciavam a construção da representação das mulheres como objeto de desejo para o olhar masculino (Bourdieu, 1998, pp. 21; Scott, 2012, pp. 17). Neste sentido, o feminismo procurou expandir a noção de cidadania para negociar os espaços de poder que caracterizavam as mulheres como objetos de decoração, frágeis e reprodutivos.

Essa chamada divisão arbitrária entre o público e o privado também se manifestou na criação do campo do design. Como quase todos os espaços sociais, o design teve uma predominância masculina simbólica também expressada na escola Bauhaus. Lá tiveram uma clara política sexista no que se relaciona à participação das mulheres nas aulas. Ou seja, praticamente não foram aceitas nas aulas de arquitetura ou design industrial; ao passo que foram incentivadas a ter aulas de tecelagem, bordados, cerâmica, entre outras tarefas por serem consideradas alinhadas com as expectativas sociais dos papéis das mulheres (Valdivieso, 2014, pp. 68).

A moda do gênero

Não se pode ignorar o fato de que, desde a sua criação, especialmente no século XIX, o sistema de moda teve um papel muito significativo sobre a objetificação das mulheres ocidentais.

Em primeiro lugar, o sistema da moda ajudou a fortalecer a naturalização da imaginação social que caracteriza o corpo feminino como um corpo bonito e ornamentado. E em segundo lugar, a partir da metade do século XIX, do ponto de vista de gênero, a moda aumentou a divisão binária do feminino e masculino.

Ou seja, foram estabelecidos dois padrões binários nas formas de vestir: uma para homens e outra para mulheres. Ambos simbolizavam valores opostos, por um lado, a roupa das mulheres devia conotar o sentido de sedução feminina; e no segundo lugar, esse efeito não podia estar presente no vestuário masculino. Então, os trajes femininos tornaram-se mais complexos em termos de vestuário, tecidos e bordados. Por outro lado, os trajes masculinos sofreram o processo inverso devido à simplificação dos modelos que os desmantelou de quase todo o elemento decorativo e ornamental.

O traje feminino típico do século XIX marcava a silhueta e as formas dos corpos. A combinação de roupas com acessórios fizeram um estereótipo da beleza feminina, associada ao decorativo que, à primeira vista, é diferente do masculino.

Neste sentido, podemos dizer que na modernidade industrial o vestuário teve um lugar muito significativo, envolvendo a classificação dos gêneros em termos binários com efeitos na regulação cultural das sexualidades. Deste ponto de vista, a moda pode ser concebida em diálogo com o dispositivo da sexualidade que falou M. Foucault (Zambrini, 2010, pp. 143 ; 2013, pp.146). Além disso, as modas se basearam no uso de roupas que impediam os movimentos corporais das mulheres. Isso consolidou a ideologia moderna que as deixou de fora da fase de produção e posicionou as mulheres como consumidoras passivas.

Esses estilos de roupa também destacaram a distinção de classe social, porque nem todas as mulheres ficaram de fora do mundo do trabalho. Ou seja, o movimento do corpo que foi impedido através da roupa era mais uma marca

de posição social porque se alijava dos modos de vestir das trabalhadoras, por exemplo, nas fábricas de têxteis (Martinez Barreiro, 1998, pp. 52).

No entanto, com o passar do tempo as modas estavam mudando em sintonia e em diálogo com as mudanças políticas e sociais que lhe deram mais espaço e poder das mulheres².

Porém, o percurso histórico nos ajuda a entender, pelo menos em parte, porque a roupa tem sido associada ao presente com o feminino e como isso se manifesta hoje em dia certos preconceitos que sugerem a “feminização” dos atores que recriam o campo da moda e design têxtil. De alguma forma, isso favoreceu a legitimação social de outros campos como o design industrial ou gráfico, ambos os campos mais dominados por homens. No entanto, de acordo com M. Garone Gravier (2013, pp. 10), o design industrial e o design gráfico, não têm reconhecido corretamente o trabalho das mulheres na consolidação desses campos, situação que não é exclusiva para as disciplinas do projeto, design e da moda.

Até agora, temos itens de vestuário como a saia, gravata, ou cores como rosa e azul. No imaginário coletivo esses itens estão associados com o feminino ou masculino em forma binária e exclusiva. Estudar moda é também estudar a construção social de gênero procurando entender como o olhar da sociedade vai mudando em relação o que entendemos por masculino ou feminino.

Atualmente na moda está se expressando um forte processo de mudança social em relação à construção de gênero. Por exemplo, as passarelas mais importantes hoje têm modelos transgêneros; além de que, surgem tendências que borram os limites tradicionais do feminino e masculino nas propostas do vestir. Ou seja, o foco não é mais a biologia para se pensar a identidade, e essa mudança é significativa justamente porque rompe com a ideologia binária do século XIX e nos permite falar sobre identidades no plural (Zambrini e Iadevito, 2009, pp. 176).

É uma mudança sociológica muito significativa que bate todo um sistema de crenças (Saulquin, 2014, pp. 37). Ou seja, pôr em questão os principais

² É importante apontar que as sociedades latino-americanas foram herdeiras, através do colonialismo e a imigração, dos principais padrões dominantes em torno à configuração social da beleza e a moda. Esse patrimônio está intimamente relacionado com o discurso e as representações visuais da modernidade industrial. Neste sentido, falar da moda inevitavelmente é construir uma história com um forte viés euro centrista.

sistemas normativos da modernidade industrial para dar passo a novas formas sociais onde o feminino e o masculino não se organizam nos termos binários. A presença de um modelo transgênero, como A. Peijick é exemplo dessa mudança cultural que se expressa no mundo da moda.

Considerações finais

Através deste trabalho, eu quis romper com certo senso comum que diz que as roupas são "naturalmente" coisa das mulheres. Temos ainda muitas restrições históricas e culturais que afetam a ordem dos gêneros e a reprodução das desigualdades sociais. Os gostos e as escolhas individuais não são apenas um produto de valores e códigos pessoais, mas eles também são permeados pelo contexto e hierarquias sociais (Bourdieu, 1993, pp. 280).

Neste sentido, falar da moda e design a partir de uma perspectiva de gênero, pode não agradar às pessoas que passam por essa área porque refletir sobre o gênero evidencia os mandatos culturais e sociais, a supervalorização de determinados temas e espaços, bem como a invisibilidade de outros. No entanto, refletir sobre as práticas do vestir através do olhar sociológico e de gênero pode ajudar no processo de mudança social no futuro.

Dessa forma, o design pode dar boas ferramentas para transformação cultural através das propostas inovadoras e plurais sobre o corpo e os usos sociais da vestimenta. Por exemplo, podem ajudar na quebra de estereótipos de gênero, além da estética e do consumo, em virtude da diversidade cultural e de gênero. Este trabalho começou pelo questionamento de por que as vozes dominantes do design e da moda são vozes masculinas, além do fato que a maioria das mulheres é as que recriarem esse espaço. Contudo, eu propus uma breve história social do vestir que levou a pensar na consolidação do Patriarcado no século XIX e a persistência da visão masculina do mundo que as próprias mulheres têm até hoje.

Longe de fechar a questão, este trabalho procurou gerar reflexões sobre questões de gênero que são naturalizadas na vida diária. Quando falamos de moda e design devemos saber que este não é um campo homogêneo, e que

existem diferentes atores o que integram e trabalham para dar-lhe vida de forma pouco harmônica e desigual.

Contudo, ajudar tomar consciência sobre as assimetrias de poder, muitas vezes não ditas, como o gênero; romper com os pontos de vista essenciais que cercam o mundo da moda e design é também uma tarefa apropriada do campo acadêmico.

Referências

-BOURDIEU, Pierre *La distinción*. Madrid: Taurus, 1993.

-BOURDIEU, Pierre *La dominación masculina*. Barcelona: Anagrama, 1998.

-ENTWISTLE, Joanne *El cuerpo y la moda. Una visión sociológica*. Barcelona: Paidós, 2002.

-FOUCAULT, Michel *Historia de la sexualidad. Vol. I: La voluntad del saber*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.

-GARONE GRAVIER, Marina “Los designios de Eva: El género en la identidad del diseño latinoamericano” en *Revista_180* Nro. 24, México: Universidad Diego Portales, 2013. pp. 1-35.

-LAMAS, Marta “Usos, dificultades y posibilidades de la categoría género” en *La Ventana, Revista de estudios de género*, N° 1. Guadalajara: Centro de Estudios de Género de la Universidad de Guadalajara, 1995. pp. 327-344.

-MARTÍNEZ BARREIRO, Ana *La moda en las sociedades modernas*. Madrid: Tecnos, 1998.

-SAULQUIN, Susana *Política de las apariencias. Nueva significación del vestir en el contexto contemporáneo* Buenos Aires: Paidós, 2014.

-SCOTT, Joan *Las mujeres y los derechos del hombre. Feminismo y sufragio en Francia, 1789-1944*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.

-VALDIVIESO, Mercedes “Retrato de grupo con una dama: el papel de la mujer en la Bauhaus” en *Historia y Teoría del Arte*; núm. 6 (2000); 61-74. Universidad Nacional de Colombia, 2014.

-ZAMBRINI, Laura “Modos de vestir e identidades de género: reflexiones sobre las marcas culturales sobre el cuerpo” en *Revista de Estudios de Género Nomadías* Nro. 11 Santiago de Chile: Universidad Nacional de Chile, 2010. pp. 130-149.

-ZAMBRINI, Laura “El género como metáfora: narrativas sobre travestis en prensa digital argentina (2004–2009)” *Revista Sociedad y Economía*, Nro. 24, Universidad del Valle, Cali, Colombia, 2013. pp. 143-158.

-ZAMBRINI, Laura y IADEVITO, Paula “Feminismo filosófico y pensamiento post-estructuralista: Teorías y reflexiones acerca de las nociones de sujeto e identidad femenina” en *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana-CLAM-* Nro. 1, Brasil: Universidad Estadual de Río de Janeiro, 2009. pp. 162-180.